

Para Dias Neto, do Hospital A.C. Camargo, o Projeto Genoma Humano levou a uma explosão de dados a todas as áreas das ciências biológicas

Câncer na mira dos cientistas brasileiros

Projeto de inventariar genes relacionados aos tumores avança para pesquisa clínica

A interpretação dos dados obtidos pelo projeto do genoma humano na década passada desencadeou uma atividade frenética de pesquisa no mundo todo, inclusive no Brasil. Dela participou a rede de cientistas reunida no Genoma do Câncer, projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo Instituto Ludwig de Pesquisa do Câncer. Essa rede teve papel importante no esforço de inventariar os genes relacionados a tumores ao adotar uma metodologia original, patenteada pelo grupo, que lhe possibilitou depositar milhares de seqüências de genes em bancos de dados internacionais.

“Acho que este foi um dos mais ambiciosos projetos da rede de pesquisadores voltadas para o sequenciamento genético”, comenta Emanuel Dias Neto, um dos coordenadores do Genoma do Câncer. Foi também o mais caro: a Fapesp e o Instituto Ludwig financiaram em parte iguais o projeto de US\$ 20 milhões. Segundo Dias Neto, graças ao estudo, durante anos o Brasil foi o país que mais contribuiu para a descoberta de genes do câncer.

“Optamos por utilizar, como base biológica das descobertas, alguns tumores mais frequentes aqui e que não eram objeto de interesse dos grandes grupos de pesquisa internacionais”, afirma o biólogo. Os tumores estu-

Rede usou método original para pesquisar genes mais comuns na população que não eram estudados por grupos internacionais

dados foram os de cabeça e pescoço, mama, gástricos e pele. “Os nossos dados são imbatíveis porque trabalhamos com bases raras e na porção central dos genes.” Ele explica que o método adotado, uma variação daquele utilizado pelo americano Craig Venter, permitiu sequenciar a área responsável pela produção de proteínas, mais difíceis de obter pelas técnicas tradicionais.

Muitos anos de estudo

Dias Neto frisa que ainda é cedo para falar em medicamentos ou tratamentos para essas doenças. O que os pesquisadores estão fazendo agora é, a partir desses dados, desenvolver novas formas de diagnóstico e tratamento. “A pesquisa clínica agora vai permitir estudar a variabilidade entre as pessoas e como isso se manifesta nas mutações que levam aos tumores”, afirma. Isso significa mais muitos anos de estudo. ■